

“Pela porta da cozinha”

Histórias para aquecer o coração

Pe. Luiz Carlos de Oliveira, a.a

LETRACAPITAL

Copyright© Luiz Carlos de Oliveira, 2020

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem a autorização prévia por escrito do autor,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem
os meios empregados.

EDITOR João Baptista Pinto
REVISÃO Rita Luppi
EDITORIAÇÃO Rian Narcizo Mariano
CAPA Rian Narcizo Mariano
Sobre foto www.pinterest.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O48p

Oliveira, Luiz Carlos de, 1967-
“Pela porta da cozinha” : histórias para aquecer o coração / Luiz Carlos de
Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2019.
102 p. ; 21 cm.

ISBN 9788577857166

1. Jesus Cristo - Parábolas. 2. Literatura cristã. I. Título.

19-61633

CDD: 226.8
CDU: 27-317.3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tel: (21) 2224-7071 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br

Pe. Luiz Carlos de Oliveira, a.a.

“Pela porta da cozinha”
Histórias para aquecer o coração

LETRCAPITAL

Apresentando o autor

Padre Luiz Carlos de Oliveira nasceu em 1967, num pequeno povoado chamado Varginha, município de Miradouro (MG). É religioso e sacerdote da Congregação dos Agostinianos da Assunção. Formou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e cursou Teologia no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), São Paulo (SP).

Aos poucos foi-se descobrindo como um eterno amante das histórias, contos, parábolas, romances, poesias e fez, destas formas literárias, o seu passatempo principal.

Com um tempero de religiosidade, um toque vocacional e uma pitada de humor, ele se diverte ilustrando as suas “histórias” com o objetivo de transmitir uma mensagem de esperanças para os seus leitores.

Sumário

Introdução.....	9
-----------------	---

PRIMEIRA PARTE

Textos relacionados às passagens bíblicas

O cântaro (Jo 4, 1-30).....	13
Bolsa de retalhos (Lc 9, 10-17).....	30
As talhas de água (Jo 2, 1-11).....	43
Chiqueiro dos porcos (Lc 15, 11-32).....	51
O barco de Simão (Lc 5,1-11).....	64

SEGUNDA PARTE

Textos relacionados às coisas da natureza

O ninho da pomba.....	75
A bicicleta.....	82
O buraco da pista.....	90
A árvore da praça.....	97
Um minuto.....	100

Introdução

Quando estamos caminhando pelo campo ou até mesmo pelas ruas das pequenas cidades do interior e chegamos na casa de uma família amiga, ao perceberem a nossa presença é muito comum alguém dizer ou gritar lá de dentro: “Pode chegar pela porta da cozinha!”.

Esse convite simpático é o sinal da amizade e da confiança que existem entre os que estão chegando e a família que está acolhendo-os. E quando nós entramos pela porta da cozinha, tanto a visita quanto a acolhida acontece de forma muito mais calorosa e bem mais agradável ao nosso coração.

Curiosamente, a Bíblia também nos oferece essa possibilidade. Aos poucos fui aprendendo que através da leitura e da interpretação podemos ir adentrando na Bíblia por diversas portas e não, necessariamente, por aquela que chamamos de principal.

Neste livro, por meio de uma forma poética e bem descontraída, eu convido o leitor a entrar no mundo das histórias de Jesus pela porta da cozinha, ou seja, dando vida a objetos e coisas como o cântaro da *samaritana*, o *barco de Simão* e as *seis talhas de pedra* nas Bodas de Caná que, entre outras coisas, tiveram o privilégio de, um dia, estarem muito próximas e até de serem utilizadas por Ele.

Assim, com um toque vocacional aqui, um pouco de espiritualidade ali e uma pitada de humor acolá eu me propus a contar alguns acontecimentos da vida de Jesus entrando por uma porta bem diferente.

Quem sabe, entrando na vida de Jesus por uma porta alternativa, a gente consegue conhecê-Lo melhor para amá-Lo ainda mais?

PRIMEIRA PARTE

Textos relacionados
às passagens bíblicas

O cântaro

(Jo 4, 1-30)

Eu sou fruto das mãos de um talentoso artesão, um mestre renomado e conhecido por toda a Samaria e regiões vizinhas, por causa de suas belas obras de arte.

O meu mestre era um homem abençoado, inspirado por natureza.

Muito exigente consigo mesmo, ele se preocupava com os mínimos detalhes. Cada peça era única e muito especial!

Todos os dias, vinha gente de longe e de várias regiões da Samaria para conhecer o seu ateliê e, dificilmente, alguém saía de sua tenda sem comprar algumas de suas preciosidades.

Calejado na profissão, não era comum o mestre errar nos cálculos, porém, naquele bendito dia, não sei por qual motivo, sobrou um pouco de argila.

– E agora? – pensou.

Deixar aquele resto de argila, preparado com tanto cuidado, para o dia seguinte não era conveniente, pois, provavelmente, ele iria endurecer e, mesmo amolecendo-o novamente, não teria mais a mesma liga de antes.

Confesso que não acredito em destino, mas aquela inesperada sobra era o início de tudo o que hoje eu sou.

Precioso erro de cálculo!

Todo mundo sabia que das mãos abençoadas do mestre só poderiam sair boas e belas coisas. O certo é que eu já estava no lucro, mesmo sem saber o que seria de mim.

Já bem no final do dia, quando o mestre percebeu que havia sobrado um pouco de argila, ele se levantou, limpou o barro do avental, deu uma volta na tenda e foi tomar uma xícara de chá bem quente enquanto pensava o que fazer.

Assim como uma criança sendo gestada no ventre de sua mãe, eu, entre uma xícara de chá e outra, estava ganhando vida na imaginação do meu mestre.

Terminada aquela xícara de chá, ele coçou a cabeça, respirou profundamente e voltou, decidido a dar um final feliz para o restante de argila.

Isso significava que, dentro de poucos minutos, eu passaria de uma simples bolota de terra umede-cida, a um vaso, um cântaro, sei lá!... Tudo dependia da inspiração do meu mestre.

De uma coisa eu tinha certeza: a minha hora havia chegado e isso era maravilhoso!

O mestre ajeitou-se no seu banquinho e colocou toda a sobra de argila de uma só vez em cima daquela espécie de mesa giratória, molhou as mãos esfregando-as delicadamente e, com a ajuda dos pés, começamos a girar. Com a mesa girando, ele ia respingando um pouco de água; amassando e desamassando; movendo para um lado e para o outro

e, de repente, comecei a ganhar vida, tamanho, contornos, formas e...

Ufa!

Eu existo!

Benditas mãos do criador!

É isso que eu sou!

Um cântaro!

Um abençoado cântaro!

Passados alguns dias, eu me conscientizei de que era diferente, ou seja, um pouco menor que os outros cântaros. Porém, para compensar, o mestre me deu um toque todo especial.

Confesso que os meus primeiros dias foram duros e penosos. Depois de secar por vários dias no sol ardente, o mestre me colocou num forno com muitos outros vasos e cântaros, e ali, ficamos no fogo por muitas e muitas horas.

No princípio, eu não entendia porque tínhamos que passar por tanto sofrimento, mas depois percebi que todos aqueles que resistiam a esse teste de fogo já estavam prontos para enfrentar todos os tipos de intempéries. Eu, particularmente, também já me sentia muito mais resistente. Agora poderia vir sol, chuva, vento, frio, calor e até tempestade que eu resistiria.

Depois desse teste de resistência e de ganhar os últimos retoques, o mestre me colocou na tenda à espera de um comprador.

Na tenda, a maioria dos vasos e cântaros eram grandes e, com isso, eu levei um pouco de desvan-

tagem. Só conseguiam perceber a minha presença aquelas pessoas mais curiosas, detalhistas que, não se contentando com aqueles que estavam ali na frente, buscavam algo mais.

Os dias foram passando e muitas pessoas também passaram por ali. A maioria era de homens, viajantes que vinham de várias regiões. Sabendo da fama do mestre, aproveitavam para descansar um pouco e depois seguiam viagem.

Poucos dias foram suficientes para perceber que os homens não entendiam muito de detalhes. Quando compravam alguma peça, quase sempre pegavam a primeira que estava na frente e partiam sem perceber que eu também estava ali.

Eu já estava ficando incomodado com aquilo e perguntava: – Quando é que alguém vai perceber que eu também estou aqui?

Certo dia, bem cedinho, eu estava distraído lá no canto, sonhando com o futuro e pensando o que seria de mim quando, de repente, uma mulher alta, bonita e elegante, acompanhada de mais duas jovens senhoras e três crianças, entrou na tenda.

O mestre estava lá nos fundos acendendo o forno e preparando-se para iniciar o trabalho do dia, nem se deu conta de que havia gente na tenda. Enquanto isso, aquela senhora bonita, alta, elegante, ia passando de cântaro em cântaro, de vaso em vaso, tocando-os levemente com as pontas dos dedos e observando, minuciosamente, os detalhes.

O jeito que aquela mulher olhava e tocava cada peça, despertou a minha atenção. E, naquele instante, eu tive a certeza de que um olhar, pela primeira vez, mesmo que de relance, me atingiria.

Quando o mestre se deu conta de que havia visitas na tenda, bateu a poeira do avental, limpou e secou as mãos nas pernas da calça e veio rapidamente para atendê-las.

Enquanto as outras se preocupavam com as crianças, aquela elegante senhora tentava explicar para o mestre, o que ela desejava.

Eu estava tentando seguir a conversa, mas o mestre, como de costume, decidiu levá-la para conhecer o local de trabalho. Com o passar do tempo, fui percebendo que aquilo era uma estratégia para convencer melhor os fregueses.

O mestre sabia que, conhecendo o ambiente onde as peças eram fabricadas, a história e a tradição do lugar, as pessoas valorizariam muito mais o seu trabalho e, com certeza, levariam pelo menos uma de suas obras.

Dito e feito! Ao retornar para a tenda, aquela linda senhora estava decidida a levar algo, mas ainda não havia encontrado, exatamente, o que queria. Então o mestre, com muita delicadeza, perguntou:

– Eu posso lhe dar uma sugestão?

– Sim! Por favor – respondeu ela com um leve sorriso no rosto.

– Com todo o respeito, mas pelo jeito da senhora,

eu sinto que está buscando algo mais precioso e não uma peça qualquer. Correto?

– Isso mesmo! O senhor adivinhou os meus pensamentos.

– Pois então, penso que eu tenho o que está buscando e, com certeza, a senhora ainda não percebeu.

– Onde? – perguntou ela, euforicamente.

Para a minha surpresa, o mestre foi retirando os vasos grandes que estavam na minha frente e percebi que ele vinha na minha direção. Eu não podia acreditar, mas o mestre estava se referindo a mim quando ele disse: – Eu tenho a preciosidade que a senhora está buscando.

Quando o mestre abriu aquele pequeno corredor e retirou o último vaso que me cobria, estendeu a mão direita e exclamou com toda empolgação:

– Eis aqui o que tenho de mais precioso!

– Minha nossa! Era exatamente isso que eu procurava – disse ela emocionada.

Quando o mestre me trouxe para o centro e soprou um pouco da poeira que estava sobre mim, aquela senhora me pegou nos braços com tanta alegria, que até eu fiquei emocionado, se assim posso dizer.

Aquele sorriso expansivo era sinal de que eu havia encontrado alguém que me queria verdadeiramente.

Entre tantas obras maravilhosas, ela escolheu a mim.

O que o mestre cobrou, ela pagou sem fazer

questão e, antes de partir, ainda agradeceu pela fineza na recepção.

Ela, toda contente, e eu, feliz da vida, pegamos o caminho, seguindo em direção à cidade de Sicar.

Na verdade, onde ela me levasse eu iria de “bons amores”, porém, na tenda, eu ouvi alguns viajantes falarem muito bem sobre aquela cidade e por isso fiquei ainda mais contente. Segundo os viajantes, perto de Sicar existia uma fonte muito famosa e conhecida por todos como “o poço de Jacó” (Jo 4,6). Essa fonte ganhou esse nome por que ficava dentro do “sítio que Jacó deu para o seu filho José” (Jo 4,5).

Quem passava por esse lugar, sozinho ou em caravana, sempre fazia uma parada para tomar água, descansar e também para matar a sede dos animais.

Seguindo estrada afora, nos braços de minha senhora, eu não conseguia pensar noutra coisa a não ser naquele bendito poço que os viajantes sempre comentavam.

Já era noite quando chegamos em casa. Ali, foi só o tempo de preparar comida para as crianças, ajeitar a cama e todas foram dormir.

No dia seguinte, ainda estava meio escuro e já se ouvia alguns ruídos na casa. E, antes mesmo de as crianças acordarem, a minha senhora me tomou nos braços novamente e partimos. No trajeto, ela foi se juntando a outras mulheres que também estavam indo na mesma direção, todas com cântaros ou outras vasilhas nas mãos.

Prestando atenção nas conversas, não foi difícil compreender que estávamos indo para a mais famosa fonte da região: o poço de Jacó.

A minha intuição estava certa e os meus sonhos estavam prestes a se realizar.

Quando chegamos lá no poço, encontramos muita gente ao seu redor. E com o passar do tempo eu percebi que aquela fonte não matava somente a sede das pessoas, mas também e, sobretudo, era um abençoado ponto de encontro. Era visível a alegria das pessoas e, principalmente das senhoras, que se divertiam cantando, rezando e falando de tudo e de todos ao mesmo tempo.

Todos os dias e por muitos anos, como um ritual, no mesmo horário, seguindo pelo mesmo caminho, eu e minha senhora íamos ao poço buscar água.

Tudo seguia a mil maravilhas! Até que um dia, não sei por qual motivo, minha senhora não pôde sair pela manhã, na hora mais fresca, como de costume. Por volta do meio dia, o sol estava a pino e lá íamos nós, sozinhos, pelo caminho.

Tudo parecia muito estranho, porque não era comum encontrar uma senhora seguindo sozinha pela estrada. As mulheres sempre andavam acompanhadas e isso era uma regra que deveria ser mantida.

Quando estávamos já bem próximos da fonte, avistamos um jovem senhor sentado sozinho na beira do poço.

Ao perceber a presença daquele estranho, minha senhora parou, olhou para todos os lados